

## UMA VISÃO DE PÁTRIA POR GONÇALVES DIAS E JOSÉ DA SILVA MAIA FERREIRA

Daiana Santos MACHADO <sup>1</sup>

Universidade Estadual de Montes Claros  
daianasantasmachado@yahoo.com.br

Telma BORGES <sup>2</sup>

Universidade Estadual de Montes Claros  
t2lm1b3rg2s@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo investigar a questão da valorização de pátria, bem como relacioná-la ao sentimento nacionalista apresentado por Gonçalves Dias e as possíveis causas do sentimento inverso demonstrado por José da Silva Maia Ferreira, traçando, assim, um paralelo entre os dois autores que tratam de temáticas tão próximas como o amor à terra natal (um tomando-a como pátria, outro tomando a terra do colonizador como sua) em literaturas diferentes (Brasil e Angola respectivamente), atendo-se às particularidades de consciência nacional na visão de cada autor. Os textos utilizados para tal comparação serão os poemas “Canção do Exílio” do livro *Poesias* do poeta brasileiro e “A minha Terra”, de *Esportaneidades da Minha Alma: às senhoras Africanas*, do poeta cabo-verdiano.

**Palavras- chave:** Pátria; nacionalismo; distanciamento afetivo.

### 1.Introdução

Muitas vezes já ouvimos falar sobre pátria, mencionamos algo sobre sentimento nacionalista ou mesmo nos referimos ao termo nação como se estivessemos falando sobre a mesma coisa. No entanto, essas palavras possuem significados diferentes de modo que é importante distingui-las. Segundo a enciclopédia *online*<sup>3</sup>, temos que

O nacionalismo é uma tese ideológica, surgida após a Revolução Francesa. Em sentido estrito, seria um sentimento de valorização marcado pela aproximação e identificação com uma nação. Esta por sua vez, é a reunião de pessoas, geralmente do mesmo grupo étnico, falando o mesmo idioma e tendo os mesmos costumes, formando assim, um povo, cujos elementos componentes trazem consigo as mesmas características étnicas e se mantêm unidos pelos hábitos, tradições, religião, língua e consciência nacional. Já Pátria (do latim “patriota”, terra paterna) indica a terra natal ou adotiva de um ser humano, que se sente ligado por vínculos afetivos, culturais, valores e história.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras/ Estudos Literários no Programa de Pós- Graduação em Letras (PPGL) da Unimontes.

<sup>2</sup> Professora Doutora da Unimontes.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nacionalismo>. Acesso em: 13 de Julho de 2013.

No Brasil deu-se grande ênfase durante o Movimento Romântico ao sentimento nacionalista, em que o amor à pátria e ao herói patriota, representado pelo índio, eram fatores de exaltação e representatividade brasileira. O Romantismo foi marcado por três fases: 1ª, 2ª e 3ª Gerações. A primeira ficou conhecida como nacionalista e indianista; a segunda Mal do século e a terceira Condoreira.

Definamos então o conceito de Nacionalismo Romântico, conhecido como “nacionalismo de identidade ou orgânico, um tipo de nacionalismo que tem como base a noção de que seu povo é único e criativo, e expressa a sua cultura através de várias áreas como a língua, religião, costumes, etc.”<sup>4</sup>

Gonçalves Dias foi um dos principais escritores da Primeira Geração; sua pátria será então exaltada e a admiração que sente por ela conceituada como esse sentimento de nacionalismo romântico, como se pode perceber nos versos abaixo:

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite –  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá (DIAS, 1969, p. 11).

Sua escrita, voltada para os temas nacionais, pela estima à terra natal, será eixo das discussões neste estudo, com intuito de traçar um paralelo com o escritor angolano José da Silva Maia Ferreira, nascido em Angola, que se inspira nos poemas do poeta brasileiro na tentativa de retratar sua pátria, mas não tem o mesmo êxito devido a alguns fatores que serão discutidos no decorrer do trabalho.

O poeta angolano, embora nascido em Luanda, desde os sete anos de idade, fora exilado no Rio de Janeiro por questões políticas que envolviam seu pai. Depois, por questão de estudo, mudou-se para outros países, tendo Portugal, como para Gonçalves Dias, a terra da sua formação acadêmica. Mais tarde retorna ao Brasil e aqui morre. Exalta em seus poemas grandiosamente Portugal, terra do colonizador, na tentativa de comparar com sua própria pátria. No entanto, ao compará-la, acaba por inferiorizá-la diante de Portugal e até mesmo do Brasil, ex- colônia de Portugal. Dessa forma questionamos seu sentimento nacionalista ou o distanciamento afetivo de sua nação e a afinidade maior de Maia Ferreira com a pátria do colonizador do que com a sua, analisando os poemas “Canção do exílio” e “A minha Terra”.

## 2. Desenvolvimento

Composto em 1843 em Coimbra, para onde o poeta fora cursar Direito, o poema “Canção do exílio” de Gonçalves Dias faz alusão à pátria distante, Brasil, terra onde fora nascido e criado. As belezas do país são retratadas pelo poeta através de características naturais da terra. Não é duvidoso aqui o sentimento nacionalista do escritor brasileiro, como podemos perceber nos versos: “Minha terra tem palmeiras (...)” / Minha terra tem primores (...) / Nosso céu tem mais estrelas (...)/ Nossas várzeas tem mais flores” (DIAS, 1969, p. 11). Os dois últimos acima mencionados, pela sua representatividade, fazem parte do hino nacional brasileiro, nosso símbolo maior de patriotismo.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.significados.com.br/nacionalismo/>. Acesso em: 13 de Julho de 2013.

Bem se vê que, para o poeta, a pátria é esse lugar bonito, seguro, onde se nasce; e se, por alguma circunstância, nesta não se permanece durante toda vida, é nela que está o amparo e a ela se deve regressar quando se aproxima do fim, a morte. Como bem nos diz o poeta “Não permita Deus que eu morra/ sem que eu volte para lá” (DIAS, 1969, p. 11). Nota-se que o “lá” faz alusão direta ao seu país.

Ainda estando exilado em Portugal, Gonçalves Dias recorda com carinho sua terra e demonstra por ela admiração, amor e saudade: “Minha terra tem primores/ Que tais não encontro eu cá” (DIAS, 1969, p. 11). Portugal seria, então, representado pelo monossílabo “cá”, na tentativa de separar geograficamente a terra do eu- lírico daquela de onde se encontra, bem como, diferenciá-las, uma vez que parece sugerir que o “lá” (Brasil) seja representado com mais estima do que o “cá” (Portugal).

No poema de Maia Ferreira, escrito posteriormente ao célebre poema de Gonçalves Dias, temos em contrapartida o termo “só”, como sentimento inverso ao do poeta brasileiro, uma vez que este exalta sua terra, enquanto o Maia Ferreira a inferioriza quando posta em comparação com a do colonizador, como é perceptível nos versos: “Minha terra não tem os cristais/ dessas fontes do só Portugal” e ainda: “Em seus campos não brota o jasmim,/ Não matiza de flores seus prados/ Não tem rosas de fino carmim,/ Só tem montes de barro escarpados” (FERREIRA, 2002, p. 26, grifo nosso).

É possível dizer que essa inferioridade esteja associada historicamente ao que Alfredo Bosi (1992) chama em *Dialética da colonização* de luta permanente entre colonizador x colonizado. O colonizado se sente inferiorizado diante da colônia, acreditando que dela vem o poder e em todas as coisas é superior.

No período romântico, entretanto, este sentimento de que a pátria mereceria ser mais vangloriada do que qualquer outra – nacionalismo ufanista – era recorrente, por isso o poeta brasileiro defende e prestigia sua pátria, exaltando-a mais do que qualquer outra.

Nos versos do poeta angolano, entretanto, o que se nota é que, além do sentimento de inferioridade, ele inveja a pátria alheia. Com tal complexo, até tenta igualar sua terra a Portugal, já que nela também esteve e suas belezas foram por ele contempladas, como se pode perceber nos versos abaixo:

Vi as belezas da terra,  
Da tua terra sem igual,  
Mirei muito do que encerra  
O teu lindo Portugal,  
E se invejo a lindeza,  
Da tua terra a beleza,  
Também é bem portuguesa  
A minha terra natal (FERREIRA, 2002, p. 31).

Mostra também estima pela pátria brasileira, a qual conhece e nela reside mais tempo do que em sua terra natal:

Também invejo o Brasil  
Sobre as águas a brilhar,  
Nesses campos mil a mil,  
Nesses montes dalém-mar.  
Invejo a formosura  
Desses prados de verdura,

Inspirando com doçura  
O Poeta a decantar (FERREIRA, 2002, p. 31).

Refere-se ainda, diretamente, a características e lugares do Rio de Janeiro, como terra-referência, comparando-a com sua pátria, como se pode comprovar nestas passagens:

Não é pátria dos Vates da América  
Que em teus cantos, com maga harmonia,  
Na Tijuca em seu cume sentado  
Decantaste em tão bela Poesia.

Não os tem; porque em terra africana  
Não há cisne em gentil Guanabara,  
Mais mimosa, mais bela e mais rica  
Do que o oiro do meu Uangara (FERREIRA, 2002, p. 29).

Ainda em relação ao complexo de inferioridade que logo resultará, como consequência do distanciamento afetivo de Maia Ferreira de sua pátria, Jacopo Corrado (2010) em seu artigo “À procura das influências brasileiras na construção da cultura literária angolana: o caso José da Silva Maia Ferreira”, diz:

Comparada com a metrópole, a terra de Maia Ferreira parece ter pouco a oferecer, o *incipit* do poema sendo *minha terra não tem* seguido pelas principais atrações de Portugal: seus rios, fontes e costas; seus celebrados poetas; seu glorioso passado. A esse *leitmotiv*, Maia Ferreira opõe o termo restritivo *só tem*, que é todavia compensado pela poesia intrínseca à paisagem africana, percebida pelo autor por meio de seus sentidos despertados: a vista de ondas de areia branca, o canto da benguelinha e o calor do sol (CORRADO, 2010, p. 13, grifo do autor).

É perceptível que a Pátria Brasileira ou mesmo Portugal é apresentada por Ferreira Maia com mais exaltação do que sua própria terra, Angola. Na tentativa de compará-la a Portugal, ele não a exalta, como faz o poeta brasileiro na sua comparação entre Brasil e a pátria do colonizador. E, ao não exaltá-la, acaba menosprezando-a.

Dessa maneira, pode-se inferir que o sentimento de nacionalismo no poema não está presente, fazendo-nos questionar o que seria então o referencial de pátria para o poeta angolano.

Para tal questionamento, é importante que saibamos um pouco mais sobre o livro *Espontaneidades da minha alma*: às senhoras Africanas (1849) e o poema “Minha terra” de José da Silva Maia Ferreira, autor do primeiro livro africano publicado (embora haja controvérsias se embora nascido em Angola, houve tempo para se “crioulizar” e ser considerado como tal) principalmente pelo período longo (dos 7 aos 17 anos), tempo de maior influência em sua formação como escritor. É pertinente ressaltar, ainda, que o poema citado anteriormente, assim como grande parte dos textos reunidos na obra, foi escrito no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro. Sobre a estadia de Maia Ferreira neste país, Corrado observa a influência de João d’ Aboim, autor d’ *O Livro da Minha Alma* e *Devaneios Poéticos*, então amigo de Gonçalves Dias, no livro do angolano, comprovando as amizades e inferências de outros autores na escrita do poema “A minha terra”:

A influência deste texto sobre *Espontaneidades da Minha Alma* é evidente e manifesta, a partir do subtítulo escolhido por Maia Ferreira, “Às Senhoras Africanas”. Na introdução do seu livro, D’Aboim cita uma carta escrita a Gonçalves Dias, seguida pela resposta do poeta brasileiro. Agradecendo Gonçalves Dias por tê-lo recebido de braços abertos no Brasil, d’Aboim despede-se dizendo: “É minha intenção dedicar este livro às senhoras brasileiras...” O fato de Dias e d’Aboim serem amigos é também significativo: provavelmente Maia Ferreira teve a possibilidade de conhecer Gonçalves Dias por meio do amigo comum, ou vice-versa. Talvez isso possa explicar a razão por que os poemas de *Espontaneidades da Minha Alma* devem tanto à obra de Gonçalves Dias, cuja *Canção do Exílio*, por exemplo, inspirou os versos de “A minha terra” (CORRADO, 2010, p. 10).

Sobre a relação entre os países africanos de língua portuguesa e o Brasil, na influência das literaturas nacional, Giselle L. Agazzi<sup>5</sup> argumenta: analisando as estruturas literárias entre Brasil, Angola e Portugal – e mais em geral a literatura angolana – percebe-se os primeiros passos desta seguiram as pistas deixadas pelas outras duas literaturas lusófonas já formadas. Esse processo que encontra sua origem não só na imitação de referências literárias paradigmáticas como, por exemplo, Gonçalves Dias, mas em toda formação da literatura do país. Semelhante ao pensamento de Agazzi, Rita Chaves (1999), ao analisar a literatura angolana, aponta como problema inicial da questão da identidade literária o fato de todas as nações enfrentarem a busca por um referencial literário. Essa busca tem como, resultado um conflito de identidade nacional provocado, muitas vezes, como menciona Telma Borges (2011), pela “pressão do tempo e suas alterações a partir de diferentes movimentos: migrações; exílios; diásporas; revoluções; avanços tecnológicos; minorias emergentes; globalização; crises políticas, econômicas e diplomáticas” (BORGES, 2011, p. 9).

Nas palavras de Agazzi, compreende-se que se vai “tecendo o imaginário de pátria de todos os povos colonizados e os escritores encontrando na literatura o terreno fértil para que se fortaleçam as identidades nacionais.”<sup>6</sup>

Maia Ferreira toma como referência não só as literaturas lusófonas, mas também suas terras/pátrias.

É plausível, dessa maneira, dizer que o poeta angolano adota como pátria a terra que o colonizou (Portugal) e não sua terra natal. Também demonstra afeto pela terra brasileira, que o recebeu e à qual pertencem os autores nos quais se inspirou. Evidencia, dessa maneira, o que neste trabalho denominamos de distanciamento afetivo de pátria.

Entretanto, algumas poucas vezes, o poeta deixa transparecer um breve sentimento pela terra natal, como nos afirma Corrado:

Na segunda parte do poema, Maia Ferreira põe em evidência algumas peculiaridades do seu país, celebrando a flora e fauna africana, mas também os africanos, sem esquecer as mulheres angolanas, tão diferentes das européias por causa da sua natureza honesta, generosa e da sua falta de afetação. (CORRADO, 2010, p. 10).

<sup>5</sup> Disponível em: <http://unibr.com.br/revistamatter/?p=171>. Acesso em: 15/07/2013.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://unibr.com.br/revistamatter/?p=171>. Acesso em: 15/07/2013.

Comprovamos tais apontamentos nos versos citados no poema:

Tem palmeiras de sombra copada  
Onde o soba de tribo selvagem,  
Em c' ravana de gente cansada,  
Adormece sequioso de aragem.

Empinado alcantil dos desertos  
Lá se aninha sedento Leão  
Em covis de espinhais entr'abertos,  
Onde altivo repousa no chão.

Nesses montes percorre afanoso,  
A zagaia com força vibrando,  
O Africano guerreiro e famoso  
A seus pés a pantera prostrando.

Não tem virgens com faces de neve  
Por que lanças enriste Donzel,  
Tem donzelas de planta mui breve,  
Mui airosas, de peito fiel. (FERREIRA, 2002, p. 27).

Contudo, ainda que encontremos nessas quatro estrofes a maior representatividade de estima de Maia Ferreira pela sua pátria, como se pretendesse assumir sua identidade africana, o poeta não consegue distanciar-se de sua admiração constante por Portugal, citando ainda características peculiares dessa terra utilizando, por exemplo, o termo “Donzel”, conhecido principalmente por causa da obra portuguesa *Amadis de Gaula*. Na própria caracterização das mulheres de Portugal, reiterando que a terra dele “não tem virgens com faces de neve” (FERREIRA, 2002, p. 27), o que se subentende é que ele elogia as mulheres portuguesas, uma vez que o termo face de neve sempre fora utilizado como padrão de exaltação de beleza das mulheres brancas. Destaca-se ainda que tal característica é muito recorrente nas mulheres idealizadas no período do Romantismo, o que nos leva a crer mais uma vez nas suas leituras e escrita inspiradas em Gonçalves Dias e em outros poetas românticos, principalmente porque o poema africano foi escrito alguns anos depois.

### 3. Conclusão

Após este estudo de comparação entre as literaturas angolana e brasileira, tomando como referenciais autores que possuem poemas com intenção de exaltar a terra, a qual têm por sua, o que se pode depreender é que o objetivo alcançado quanto ao que aqui intitulamos de sentimento nacionalista de cada um, se diferencia, provocando uma inversão, qual seja, o distanciamento afetivo.

Enquanto na pátria do poeta brasileiro há *mais* aves que gorjeiam, mais estrelas, mais flores, mais palmeiras, mais amores, mais prazeres, mais primores e mais sabiás<sup>7</sup>, na tentativa de exaltar a terra brasileira e super valorizá-la até mesmo mais do que Portugal, a terra do colonizador, a terra angolana, por sua vez, é inferiorizada diante de Portugal, pois *só* tem ondas de branco areal, *só* tem montes de barro escarpados, *só* tem raios de sol a queimar. Ressalta-se ainda que quando *só* se tem algo, ainda *não tem outras coisas*: não tem os cristais,

<sup>7</sup> Segundo Ivana Rebello, 2010, p. 23 o sabiá parecerá como ícone sugestivo de nacionalismo em “Canção do Exílio”.

não tem salgueirais, não brota o jasmim, não matiza de flores seus prados, não tem rosas de fino carmim, não tem meigo trinar-mavioso, não tem brilhante primavera, não tem brisa lasciva, não tem frutos por Deus ofertados, não tem rio como o Mondego (rio de Portugal), não tem feitos de glória, não tem fado (estilo musical português), não tem virgens com faces de neve (portuguesas), não tem a cultura desses lábios de mago florir (a poesia portuguesa). Não tem Vates por Deus inspirados que decantem um Gama (Camões); não os tem porque a sorte negou-lhe (justificativa para a superioridade de Portugal), não é pátria dos Vates da América e do divo Camões, (um dos maiores poetas da literatura portuguesa, também combateu ao lado das forças portuguesas). Sempre exaltando as peculiaridades de Portugal, o poeta segue com muitos outros versos: não há cisne, não tem arvoredos, não tem vagas humildes, não tem o granito e o verdor do teu Sintra (Vila Portuguesa). Finaliza então a série depreciativa com a estrofe: “Nada tem minha terra natal/ Que extasie e revele primor,/ Nada tem, a não ser dos desertos/ A solidão que é tão grata ao cantor” (FERREIRA, 2002, p.31) como se inferisse que sua pátria nada tem, a não ser a solidão, que não é característica muito admirável, mas tem valia pelo menos para inspirar o cantor.

Bem se vê que a lista dos apreciativos do Brasil apontados por Gonçalves Dias é menor, contudo, mais positiva do que a extensa lista de depreciativos poetizados por Maia Ferreira.

Na tentativa de elevar a importância de sua terra, o poeta angolano tenta exaltá-la diante das outras pátrias, menos de Portugal. Confessa, dessa maneira, sua subalternidade como se aceitasse sua posição de inferioridade quanto à terra Portuguesa, ou seja, que não pode ser superior a ela, não lhe resta outra saída que seja a de ao menos tentar igualá-las, como vemos nos versos: “Vi as belezas da terra,/ O teu lindo Portugal/ E se invejo a lindeza,/ Da tua terra a beleza,/ Também é bem portuguesa/ A minha terra natal” (FERREIRA, 2002, p.31). Percebe-se que, ao reconhecer poeticamente como portuguesa sua terra natal, o poeta aceita tacitamente a colonização portuguesa e até mesmo a considera louvável.

O que se pode concluir, portanto, é que a visão de Pátria de Gonçalves Dias e o sentimento que a esta atribui é muito diferente da percepção de Maia Ferreira, que toma por terra natal quem o colonizou, onde viveu ou esteve por alguns anos, e não o lugar onde nasceu, sua pátria, demonstrando um distanciamento afetivo desta.

Por fim, para o poeta brasileiro pátria é o lugar onde se nasce, se vive e por ela se tem afeto; já para o poeta angolano é a terra adotiva que serve de inspiração.

## Refêrencias

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CORRADO, Jacopo. À procura das influências brasileiras na construção da cultura literária angolana: O caso José da Silva Maia Ferreira. Maringá: 4º CELLI – Colóquio de Estudos Lingüísticos e Literários, 2010.

CHAVES, Rita. *Formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 1999.

DIAS, Gonçalves. *Poesias*. Seleção de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

FERREIRA, José da Silva Maia. *Esportaneidade da minha alma – às senhoras angolanas*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002. Col. Escritores dos países de língua portuguesa, vol. 30.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

REBELLO, Ivana. *Papagaio conta a história*. São Paulo: Scorteci, 2010.

#### Sites consultados:

AGAZZI, Giselle Larizzatti. Relações entre os países africanos de língua portuguesa e o Brasil na formação das literaturas nacionais. Disponível em: <http://unibr.com.br/revistamatter/?p=171>. Acesso em: 15/07/2013.

BORGES, Telma. A problemática da Identidade na literatura contemporânea – o caso Nael. Água da palavra – Revista de Literatura e Teorias. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=www&oq=ww&aqs=chrome.3.69i60l3j69i59l2j0.1978j0&sourceid=chrome&ie=UTF-8#sclient=psy-ab&q=revista++agua+da+palavra-+a+problemativa+da+identidade+na+literatura+contemporanea&oq=revista++agua+da+palavra-+a+problemativa+da+identidade+na+literatura+contemporanea&gs\\_l=serp.12...3763.33807.0.35107.58.58.0.0.0.270.12434.0j12j46.58.0...0.0..1c.1.20.psy-ab.\\_1Smr8CTiaQ&pbx=1&bav=on.2,or.r\\_qf.&fp=5c23e1b7ec4d9fe7&biw=1280&bih=709&bvm=pv.xjs.s.en\\_US.NyLNrjc7wJY.O](https://www.google.com.br/search?q=www&oq=ww&aqs=chrome.3.69i60l3j69i59l2j0.1978j0&sourceid=chrome&ie=UTF-8#sclient=psy-ab&q=revista++agua+da+palavra-+a+problemativa+da+identidade+na+literatura+contemporanea&oq=revista++agua+da+palavra-+a+problemativa+da+identidade+na+literatura+contemporanea&gs_l=serp.12...3763.33807.0.35107.58.58.0.0.0.270.12434.0j12j46.58.0...0.0..1c.1.20.psy-ab._1Smr8CTiaQ&pbx=1&bav=on.2,or.r_qf.&fp=5c23e1b7ec4d9fe7&biw=1280&bih=709&bvm=pv.xjs.s.en_US.NyLNrjc7wJY.O). Acesso em: 17/07/2013.

NACIONALISMO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nacionalismo>. Acesso em: 13/07/2013.

ROMÂNTICO, Nacionalismo. Disponível em: <http://www.significados.com.br/nacionalismo/>. Acesso em: 13/07/2013.